

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

A FILOSOFIA NAS ESCOLAS:

UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO DF

JULIA SILVEIRA SANTOS

BRASÍLIA – DF

DEZEMBRO, 2011

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

A FILOSOFIA NAS ESCOLAS:

UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO DF

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob orientação do professor TADEU QUEIROZ MAIA.

JULIA SILVEIRA SANTOS

BRASÍLIA-DF, DEZEMBRO DE 2011.

Banca Examinadora

Professor Tadeu Queiroz Maia
Orientador

Professor Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro

Professora Sônia Marise Salles Carvalho

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que sempre me acompanhou e me deu forças nas dificuldades.

Aos meus pais que são os principais responsáveis por me ajudarem nas minhas conquistas e me apoiarem para não desistir nos obstáculos que enfrentei durante o meu período de formação.

A minha irmã que sempre esteve ao meu lado, incentivando e mostrando que sou capaz de conseguir aquilo que desejo.

Aos amigos, por estarem presentes nos momentos de dificuldades, pelas diversões e aprendizagens que tive ao lado deles.

Aos professores pelos seus conhecimentos passados. Pela dedicação que exercem em sua profissão. Por me fazerem enxergar e aprender sobre a realidade da Educação.

SANTOS, Julia Silveira. A Filosofia nas Escolas: Um Relato de Experiência em uma Escola Pública do DF. Brasília: FE/UnB, 2011.

RESUMO

O presente trabalho final de curso tem por finalidade apresentar a relação entre filosofia e infância, a partir da história e pressupostos teóricos que orientam o exercício filosófico com as crianças no âmbito escolar. Para trabalhar os conceitos de infância e filosofia partimos das ideias de grandes estudiosos da área, como o professor Walter Kohan. Com o objetivo de compreender como a filosofia na infância podem colaborar com posturas que enriquecem o pensar, o argumentar, a construção de conceitos, realizei uma prática com crianças do terceiro ano do Ensino Fundamental que me deram base para o desenvolvimento deste trabalho e promover reflexões sobre a necessidade de transformar e desenvolver a capacidade de elaboração de pensamentos críticos e criativos por meio da prática pedagógica.

Palavras-chave: Filosofia, infância, educação, pensar e experiência.

ABSTRACT

This final year project aims to show the relationship between philosophy and childhood, from the history and theoretical assumptions that guide the philosophical exercise with children in the school. To work the concepts of childhood and philosophy from the ideas of the great scholars of the area, as Professor Walter Kohan. In order to understand how philosophy can contribute to childhood attitudes that enrich thinking, arguing, the construction of concepts, I performed a practice with children in the third year of elementary school that gave me the basis for the development of this work and promote reflection on the need to transform and develop the capacity of developing critical and creative thinking through teaching practice.

Keywords: Philosophy, childhood, education, thinking and experience.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	8
MEMORIAL EDUCATIVO.....	10
INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1 – SOBRE OS CONCEITOS	20
1.1 CONCEITO DE FILOSOFIA	20
1.2 CONCEITO DE INFÂNCIA	21
1.3 CONCEITO DE EXPERIÊNCIA	24
1.4 CONCEITO DE DIÁLOGO	25
1.5 CONCEITO DE AUTONOMIA	26
1.6 OFICINA.....	26
CAPÍTULO 2 – SOBRE A EXPERIÊNCIA.....	28
2.1 O PROJETO FILOSOFIA NA ESCOLA.....	28
2.2 OFICINAS DE FILOSOFIA.....	29
2.3 INÍCIO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA/FILOSÓFICA	30
2.4 AS PRÁTICAS EM SI.....	31
2.4.1 PRIMEIRA AULA.....	31
2.4.2 SEGUNDA AULA.....	33
2.4.3 TERCEIRA AULA	36
2.4.4 QUARTA AULA.....	41
2.4.5 QUINTA AULA.....	43
2.5 RELATO DA EXPERIÊNCIA.....	44
CAPÍTULO 3 – SOBRE O QUE FICOU	46
PERSPECTIVAS PARA O FUTURO.....	49
BIBLIOGRAFIA.....	50

Lista de Figuras

FIGURA 1 - COLABORADORES DA ESCOLA.....	32
---	----

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho é um requisito parcial para obter o título de licenciada em Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e uma síntese da minha experiência na prática do Projeto Filosofia na Escola.

A escolha do tema surgiu pelo interesse em aprender sobre as questões ligadas a importância das contribuições filosóficas que podem ter extrema importância na vida das crianças, como a construção de conceitos, uma valorização do pensar de cada um e a importância do diálogo que proporcionam respeito as suas e as opiniões dos outros, entre vários outros pontos que são citados ao longo do trabalho, depois de ter cursado a disciplina Filosofia com Crianças.

O trabalho está organizado em três partes, onde a forma organizada não é um fator determinante para a compreensão dos temas.

Na primeira parte encontra-se um relato subjetivo acerca dos acontecimentos e experiência marcantes para a formação da minha identidade. Este capítulo tem sua importância, pois na Faculdade de Educação vem demonstrando que a experiência acadêmica não se limita no que foi aprendido no período da graduação, mas sim na compreensão da sua totalidade, que envolve o lado afetivo, intelectual, emocional, física, espiritual e outros pontos.

A segunda parte do trabalho constitui-se pelos pressupostos que orientam a prática do Projeto Filosofia na Escola, a partir de levantamentos bibliográficos que deram base para a construção das ideias que permeiam o Projeto. No primeiro capítulo possui um levantamento histórico sobre temas que estão ligados ao Projeto que ajudaram a dar embasamento a prática com as crianças e que contribuem para o entendimento da filosofia com crianças. Para o desenvolvimento dos temas, tive grande apoio dos referenciais teóricos do professor Walter Kohan que contribuíram para o aprofundamento e construção das ideias, e também da professora Bernardina que contribuiu para o melhor entendimento de como ocorrem as oficinas dentro do Projeto. No terceiro capítulo apresenta as pretensões teórico-prática acerca do

conhecimentos adquiridos e das experiências vivenciadas e também retrata uma forma particular de ver e interpretar as diferentes situações vividas.

Na terceira e ultima parte apresento as minhas perspectivas para o meu futuro profissional e pessoal, expondo alguns desejos após a conclusão do curso.

MEMORIAL EDUCATIVO

Nasci no dia 9 de outubro em 1989, no hospital São Brás, localizado em Brasília, Distrito Federal. Sou filha de uma mistura de culturas. Meu pai nasceu em Aracajú, Sergipe, filho único de uma família de classe média. Minha mãe nasceu em Porteirinha, interior de Minas Gerais, a décima filha de uma prole de onze filhos, de uma família muito simples. A união dos meus pais aconteceu em Brasília, quando se conheceram e pouco tempo depois eles firmaram a união com um belo casamento em uma chácara localizada perto de Brasília, foi quando minha história começou a ser “escrita”. Meus pais tiveram duas filhas, minha irmã que se chama Mariana e é mais velha 1 ano e 10 meses que eu.

Minha vida escolar começou quando ainda era um bebê, com seis meses de idade comecei a frequentar a creche CNEC (Campanha Nacional de Escolas da Comunidade). A escolha dos meus pais para eu frequentar essa escola, foi o fato da minha irmã já estudar lá e terem grande confiança com os profissionais que ali trabalhavam. Tenho grandes recordações onde podia brincar, desenhar, pintar, o contato com letras e números, todas essas experiências foram de extrema importância para o início da minha formação acadêmica e fundamental para a minha alfabetização. Frequentei a CNEC até os quatro anos de idade. Após esse período de frequentar a creche, mudei de colégio para fazer o jardim de infância no INEI, em 1995, pra onde minha irmã também tinha se mudado pra começar a cursar o ensino fundamental.

No INEI passei por grandes vivências que refletem até hoje na minha formação. Recordo-me de uma situação que passei na primeira série, onde precisava fazer uma apresentação de uma peça que minha turma iria apresentar para todo o colégio na hora cívica, e como eu era muito tímida e fui obrigada a participar, tive muita dificuldade em apresentar, e com isso fiquei traumatizada e cada vez mais tímida. Com o passar dos anos meus pais perceberam que isso estava atrapalhando em algumas atividades que eram propostas pelo colégio, então minha tia sugeriu que me colocasse em uma atividade extracurricular para poder aprender a lidar com essas dificuldades. Entre várias opções, como teatro,

sapateado e ballet, eu tive a oportunidade de experimentar todas e acabei escolhendo o ballet, pela qual tive mais afinidade, e além de ser uma atividade física poderia trabalhar constantemente a lidar com situações, como enfrentar o público, onde a minha timidez foi melhorando a ponto de me ajudar nas atividades escolares. Desde então, a dança sempre esteve presente na minha vida, por ter me apaixonado pela dança e ter virado o meu hobby.

Ainda quando estudava no INEI, aconteceu outro fato importante que marcou a minha vida e foi quando estava na sexta série. Foi quando minha mãe passou um período tendo que viajar muito para ir visitar minha avó e meu tio que estavam sofrendo com problemas sérios de saúde, e como sempre fui muito apegada a minha mãe, o meu sofrimento refletiu nas minhas notas. Além de estar sofrendo com a falta da presença da minha mãe, estava com muito medo de perder esses parentes que sempre fui muito ligada, pelo fato de quase todas as minhas férias eu passar com a presença deles, e ter um carinho muito grande por eles. O que me fez piorar muito na escola foi quando minha avó faleceu, e seguido do falecimento da minha avó, uma semana depois meu tio também teve complicações com o seu câncer e também veio a falecer, tudo isso ocorreu bem no período de provas, onde fiquei muito abalada psicologicamente, e tive uma grande perda nos conteúdos escolares.

Com todas as dificuldades que passei a ter no colégio, a coordenadora e orientadora da minha série, recomendou a meus pais que procurassem uma ajuda psicopedagógica, que iria me ajudar a superar todos os problemas que vinha passando e me prejudicando na aprendizagem. Durante o meu tratamento psicopedagógico, pude perceber que o trabalho das duas psicopedagogas que cuidavam do meu caso, estavam me ajudando não apenas nos problemas com os estudos, mas também me ajudaram a superar o trauma que tive ao perder aqueles parentes, e aprender a lidar com essa realidade que poderia voltar a passar em diversos momentos da minha vida. Além desses benefícios, me tornei uma pessoa mais ativa e comunicativa, mesmo ainda sendo tímida, consegui aprender a controlar todo o nervosismo que sempre tive devido à timidez em excesso.

Com todos meus avanços, neste ano foi quando mais firmei amizades, tive uma melhor interação com um grande número de colegas, que antes ficava apenas presa a alguns grupos de amizade, e isso me fez cada vez mais ter prazer em ir para a escola para ter sempre novas vivências. Ao fim desse ano letivo, meus pais resolveram que era melhor me mudarem de escola para uma que fosse mais perto da onde a gente tinha se mudado, alguma escola na Asa Sul. Como meus pais já conheciam e gostavam muito do ensino que o INEI oferecia, eles me mudaram do INEI da Asa Norte para o INEI da Asa Sul, onde também concordei por ser mais fácil em manter as minhas amizades, pois todos os colégios do INEI, sempre participavam de atividades conjuntas, entre gincanas, competições esportivas, viagens etc. No INEI da Asa Sul eu entrei na sétima série, em 2003, e me formei no ensino fundamental no ano seguinte, em 2004. Ali tive a oportunidade de conhecer grandes professores, que puderam me dar uma boa base para que futuramente não tivesse dificuldades quando me mudasse para um colégio mais forte e maior. Quando estava mudando do ensino fundamental para o ensino médio, meus pais queriam que eu continuasse estudando no INEI, por ser mais perto de casa e por minha irmã também estudar ali, mas nessa época já tinha bastante autonomia e sabia que se fosse para um colégio melhor, seria mais fácil para entrar na UnB, que sempre tive vontade de estudar o meu ensino superior, e não queria estudar em uma faculdade particular, que mesmo tendo muitas boas aqui em Brasília. Outra coisa que me fez querer mudar de colégio foi a influencia das minhas amizades que também mudariam de escola. Outro dilema que fiquei nessa época foi para qual colégio eu iria, pois cada um dos meus amigos estavam indo para colégios diferentes. Nesse ponto, pedi ajuda aos meus pais para poder escolher o colégio que seria melhor para mim, então pesquisamos bastante, e as opções que decidimos foram: Galois, Maristão, Sigma e Leonardo da Vinci, com as opções decididas comecei a conversar com algumas pessoas que já estudavam nesses colégios, depois de conhecer um pouco sobre essas escolas, a que mais tive afinidade foi o Maristão, onde grandes amigos também iriam estudar.

No início meu primeiro ano do ensino médio, sofri bastante com a mudança de um colégio pequeno para um colégio maior, e como estava acostumada com uma relação mais próxima entre aluno e professor, percebi que naquele colégio teria que

estudar mais para conseguir conquistar espaço e ser notada pelo meu esforço, pela grande demanda que o colégio tinha. Nos primeiros meses me senti um pouco deslocada do resto dos estudantes, por estar fechada no grupo de amigos que estudavam comigo anteriormente nos outros colégios que havia estudado. Uma coisa que ajudou muito a superar este problema, foi quando uma professora de educação sexual teve a idéia de fazer uma gincana, onde o grande objetivo era melhorar o convívio entre todos os estudantes das 13 turmas de primeiros anos, por ter verificado que não havia boas interações entre as turmas, e estar acontecendo muitas confusões devido a isto. A gincana foi muito dinâmica e com isso consegui melhorar minhas relações com outros alunos melhorando a minha articulação dentro do colégio. No começo do ano letivo não tive dificuldades nas matérias, mas no segundo semestre comecei a ter dificuldade em algumas matérias da área das humanas, quando os temas começaram a ficar difíceis, comecei a sentir prejudicada por não estar acompanhando o ritmo da turma. Nos outros colégios que havia estudado, estava acostumada a ter o auxílio dos professores quando isso acontecia, e como a demanda de alunos era muito grande desses novos professores, senti que teria que lidar com essa situação sozinha. Como isso não funcionou e minha notas continuaram a cair, a professora orientadora me chamou para conversar e orientou que eu frequentasse as aulas de monitoria que aconteciam no período vespertino, onde ali poderia tirar minhas dúvidas de forma mais individualizada, visando um melhor aprendizado. Depois de saber que poderia ter esse auxílio, sempre que precisei, já sabia a onde recorrer.

No meu segundo ano do ensino médio, foi mais tranquilo que no ano anterior, pois já sabia como funcionava o colégio, os professores e já tinha firmado muitas amizades. Nesse ano tive uma professora que começou a nos orientar para fazermos as nossas escolhas para o ensino superior, pois depois de uma conversa com minha turma ela percebeu que muitas pessoas ainda não tinham nem idéia das carreiras que queriam seguir, e também desconheciam de diversas áreas que muitos poderiam se interessar. Com isso ela propôs para a minha turma que conversássemos com outros colegas de outras turmas para organizarmos um evento onde convidaríamos profissionais de todas as áreas que existem para os alunos poderem conhecer melhor as profissões que já tinham em mente e orientar aqueles

que ainda estavam em dúvida. Esse projeto influenciou grande parte dos alunos nas suas escolhas. O bom de este projeto ter acontecido um ano antes de ter que fazer a minha escolha do curso, foi que pude conhecer cada vez mais as profissões que tinha ficado em dúvida, sem a pressão de ter que escolher naquele momento.

Neste ano comecei a me dedicar mais aos estudos voltados para o PAS (Programa de Avaliação Seriada) da UnB, apesar de sempre ter tido boas no colégio, senti a competição vindo de outros alunos, e se eu quisesse ter boas chances teria que me dedicar mais do que antes. Mesmo com essa minha dedicação comecei a ter muitas dificuldades em Química e Física, e mesmo com o auxílio das monitorias no período vespertino eu não consegui me sair bem nessas disciplinas por não conseguir compreender a fundo o que tudo aquilo significava, e com essa dificuldade só consegui melhorar com as aulas praticas, onde tínhamos aulas nos laboratórios pelo menos uma vez por semana para ter o contato direto com o que era passado na teoria, e aos poucos consegui melhorar. Finalizei esse meu ano letivo fazendo o PAS.

Comecei o meu terceiro ano apreensiva em como seria o meu último ano do ensino médio. Tinha muito receio em não conseguir ser aprovada no PAS ou no vestibular quando terminasse o ano, mas ao mesmo tempo não queria deixar de aproveitar os meus últimos meses na companhia dos meus amigos e abrir mão de ter novas experiências por conta do PAS e vestibular.

No início como os professores estavam revisando as matérias dos anos passados, não fiquei muito preocupada em me empenhar nos estudos e segui o primeiro semestre aproveitando da companhia dos meus amigos, fazendo muitas festas na turma, saindo nos finais de semana para casa de amigos, indo para boates etc. Depois de ter curtido bastante, comecei a dividir melhor o meu tempo entre os estudos, amigos e o ballet que nunca parei de fazer. E segui fazendo isso até o final do ano, mas focando cada vez mais nos estudos.

No terceiro ano foi quando decidi de fato o que queria fazer. Ao conversar com minha professora de ensino religioso, que é formada em pedagogia com

especialização em psicopedagogia, lembrei-me de quando fiz o tratamento psicopedagógico e o quanto tinha me ajudado naquela época, então tirei minhas dúvidas sobre aquela área com essa professora e ele me contou todas as formas que poderia trabalhar nessa área, foi quando tive certeza que era aquilo que eu queria fazer. Para poder conseguir ter a minha formação de psicopedagoga eu podia seguir dois caminhos: fazendo psicologia ou pedagogia e depois que me formasse em uma delas fazer uma especialização. Com isso fui verificar as minhas notas do PAS dos anos anteriores, vi que dependendo de quanto eu tirasse na prova da terceira etapa conseguiria ser aprovada em vários cursos, mas em psicologia teria que tirar uma nota bem alta, já pra pedagogia conseguiria facilmente ser aprovada se mantivesse a mesma média de notas, então optei por marcar pedagogia me inscrever no PAS. Com receio de não ser aprovada também me inscrevi no vestibular no CEUB, mas marquei para o curso de psicologia. Depois de ter tomado todas essas decisões segui estudando para ser aprovada em um dos cursos que tinha escolhido. Meu último ano foi muito proveitoso em todos os sentidos, estudei bastante, fiz muitas amizades e aproveitei bastante com eles, e conclui o meu ensino médio com muito mérito e muitas realizações.

Em dezembro de 2007, recebi o resultado que tinha sido aprovada no vestibular do CEUB para o curso de psicologia, então me matriculei caso não fosse aprovada no PAS e/ou vestibular da UnB. No mês seguinte, recebi o resultado do PAS que tinha sido aprovada em pedagogia e acabei nem fazendo o vestibular. Ao descobrir que também tinha sido aprovada na UnB, pensei em cursar os dois cursos, tanto o da UnB quanto o do CEUB, mas ao conversar com meus pais sobre essa decisão, eles me incentivaram a fazer apenas um curso, pois fazendo os dois cursos ao mesmo tempo eu poderia não ter um bom rendimento e aproveitar tudo o que um dos cursos podiam me oferecer. Com isso decidi seguir o conselho deles e optei por fazer o curso de pedagogia da UnB, pois caso resolvesse futuramente fazer psicologia, teria mais chances em ser aprovada no CEUB do que na UnB que exige bem mais em seus vestibulares.

No inicio das aulas no primeiro semestre fiquei muito ansiosa em saber como seria a vida como universitária. No primeiro dia de aula o que mais me deixou

nervosa, foram os trotes, que fiquei com receio sobre o que eles poderiam fazer com nós calouros. Sempre tinha visto e escutado como os trotes eram: com muita tinta, farinha, fazendo os calouros beber, pedir dinheiro nos semáforos para arrecadar fundos para fazer festas, entre várias outras coisas. Fiquei surpresa ao saber que o trote da pedagogia era solidário, com gincanas, propostas para ajudar os calouros e outras pessoas e entre outras coisas também, o que me deixou muito aliviada e mais animada para o começo das aulas. No primeiro semestre ainda estava acostumada em como era no colégio, ainda sem muita autonomia. Logo percebi que ali teria que aprender a ser mais autônoma com as minhas coisas, pois diferentemente do colégio, os professores não iam ficar cobrando os alunos em fazer os trabalhos, estudar para as provas, mas sim passariam como sua disciplina funcionava, o que eles exigiriam da sua disciplina e cada um teria que ter responsabilidade em fazê-los para ser aprovados. Com conselhos de alguns amigos que já estavam na faculdade, aprendi a me tornar mais responsável com as minhas coisas. Desde o início da minha graduação não tive grandes problemas em seguir o ritmo da faculdade, mas aprendi com meus erros que não podemos deixar as coisas pra última hora para não correr o risco que algo aconteça.

Nos semestres seguintes, fui gostando cada vez mais do curso, principalmente em algumas áreas que não tinha muito conhecimento. Uma área que eu tive muita afinidade foi a da educação especial, onde consegui quebrar meus preconceitos que tinha por desconhecer a área e como funcionavam algumas coisas, me tornando mais ativa em querer ajudar aqueles que necessitam de ajuda. Foi muito importante ter o acesso a essa área, pois na área da psicopedagogia poderei ter que lidar com muitos casos que estão ligados a educação especial, e ter aprendido mais sobre me ajudará futuramente na minha profissão.

Quando estava no começo do quinto semestre fiquei sabendo pelas minhas amigas da psicologia que o hospital Sarah Kubistchek iria oferecer estágio para estudantes de psicologia, pedagogia, fonoaudiologia e terapia ocupacional. Mas para conseguir o estágio teríamos que passar por uma prova e algumas entrevistas. Resolvi tentar, pois naquele período também estava muito interessada pela área de educação especial, e trabalhar no Sarah seria uma grande oportunidade de

crescimento. No final do quinto semestre o Sarah me ligou dizendo que eu tinha sido aprovada na seleção e pediram para que eu começasse a estagiar no ano seguinte. Nos primeiros dias de estágio foi apenas explicações de como funcionava o Sarah, nos dando orientações para quando começássemos a trabalhar diretamente com as crianças. Ainda na semana introdutória ficamos sabendo que iríamos trabalhar com crianças com paralisia cerebral e traumatismo crânio encefálico, o que me deixou mais nervosa ainda porque desconhecia como lidar com esse tipo de situação. Logo no primeiro contato com as crianças perdi todo o meu medo quando as vi, pelo jeito carismáticos de te conquistar que cada uma tinha. O meu trabalho no Sarah era nas terças e quintas das 14 às 18 horas, éramos um grupo de 10 estagiários cuidando de 10 crianças, trabalhando com as crianças que tinham paralisia cerebral e cada tarde um estagiário ficava com uma criança diferente. O nosso papel ali era trabalhar com as crianças para que elas superassem algumas dificuldades devido à paralisia cerebral, como dificuldades de socialização, ajudar a lidar com as limitações físicas que algumas tinham, entre vários outros pontos que podíamos ajudá-las, e tudo isso com auxílio de alguns recursos que o Sarah nos fornecia. O período que estagiei lá foi muito produtivo, consegui aprender a lidar com as diferenças, além de acesso a textos que eles nos passavam todos os dias para que a partir da teoria conseguíssemos trabalhar na prática de forma adequada e com qualidade. Além do embasamento teórico que eles nos deram, eles também ofereciam palestras e seminários para podermos cada vez mais ampliar os nossos conhecimentos. Estagiei por um ano no Hospital Sarah Kubistchek, e considero que esse foi o período da faculdade que mais tive aprendizagens.

No sétimo semestre já não estava mais estagiando, mas foi quando tive o primeiro contato com a sala de aula, no projeto 4, Filosofia nas Escolas. Nessa etapa, descobri que para estar em sala de aula não é necessário ter o dom, mas sim uma boa base teórica, vivenciar experiências com apoio de colegas e professores para que possibilitem a prática, além do prazer e aprendizagens que se conquista todos os dias nesse ambiente. Apesar de não saber se continuarei trabalhando dentro da sala de aula, pois pretendo continuar com meus planos iniciais, que é me tornar psicopedagoga, fico feliz em ter tido a oportunidade de vivenciar a experiência onde pude conhecer a realidade de uma sala de aula, que muitas vezes imaginamos

que é de uma forma, mas que na realidade é totalmente diferente. Com o projeto 4 também pude perceber a importância de fazerem as crianças questionarem sobre as coisas da vida, para elas refletirem e futuramente se tornarem pessoas críticas.

No oitavo e último semestre, foi tudo muito corrido, pois tive que pegar 6 matérias e ainda escrever a monografia para poder me formar. O que facilitou para fazer a monografia foi ter feito o projeto 4 baseado no que eu escreveria no trabalho de conclusão de curso. As outras matérias que peguei foram tranquilas, porém muito cansativo.

INTRODUÇÃO

Vivemos num momento em que a sociedade é composta por instituições que estão em constantes transformações, com isso surge a necessidade de ter bons estímulos na infância para que o desenvolvimento seja cada vez melhor.

O Projeto Filosofia na Escola vem criando espaços que favoreçam a reflexão que interferem na vida das crianças, possibilitando o desenvolvimento do espírito crítico e propostas inovadoras, os preparando para a vida adulta. Tanto a filosofia quanto as crianças são ricas em questionamentos que tentam entender os porquês das coisas, explorando, investigando, descobrindo e recriando novos conceitos.

Para realizar a filosofia com crianças no ambiente escolar, o papel do educador deve deixar de lado a postura de destaque, o detentor do saber, dando espaço e se tornando membro das rodas de pensamento, abrindo portas para que as crianças pensem e verbalizem suas opiniões.

Para entender como ocorre a filosofia com crianças, começaremos com um aporte teórico, explicando sobre os conceitos de filosofia, infância e outros que dão base para o entendimento de como funciona o Projeto Filosofia na Escola.

CAPÍTULO 1 – SOBRE OS CONCEITOS

Para explicar como ocorreu o Projeto Filosofia na Escola, explicarei neste capítulo alguns conceitos utilizados neste processo, que me deram base para desenvolver e entender como ocorre à filosofia com crianças.

1.1 Conceito de Filosofia

Para entender o que é filosofia começamos pelo significado da palavra. A palavra filosofia tem origem grega e é formada por duas palavras, *philos* e *sophia*, onde *philos* significa amizade, o amor fraternal, e *sophia* que significa sabedoria, sábio. Ou seja, a palavra filosofia significa amizade pela sabedoria. Com isso podemos entender que ser filósofo é ter o desejo pela sabedoria, aquele que tem amizade pelo saber e busca o conhecimento por amá-lo.

Segundo o dicionário Aurélio, o termo filosofia significa:

Estudo que se caracteriza pela intenção de ampliar incessantemente a compreensão da realidade, no sentido de apreendê-la na sua totalidade, quer pela busca da realidade capaz de abranger todas as outras, o Ser (ora 'realidade suprema', ora 'causa primeira', ora 'fim último', ora 'absoluto', 'espírito', 'matéria', etc.), quer pela definição do instrumento capaz de apreender a realidade, o pensamento (as respostas às perguntas: que é a razão? o conhecimento? a consciência? a reflexão? que é explicar? provar? que é uma causa? um fundamento? uma lei? um princípio? etc.), tornando-se o homem tema inevitável de consideração. Ao longo da sua história, em razão da preeminência que cada filósofo atribua a qualquer daqueles temas, o pensamento filosófico vem-se cristalizando em sistemas, cada um deles uma nova definição da filosofia (HOLANDA, 1993, p.780)

Então, ao falar sobre a filosofia podemos dizer que é o pensamento que realizamos sobre si mesmos, e também a reflexão a partir de perguntas, como o porquê das coisas, como elas acontecem, com questionamentos a cerca do mundo e as relações que temos com elas, criando pensamentos filosóficos a partir dos próprios interesses.

Filosofia pode ser considerada ramo do conhecimento, onde a partir da realidade se busca aprender de forma variada, baseada naquilo que se acredita ou se vê, buscando formas de compreender e analisar aquilo que deseja. Também ao falar de filosofia podemos dizer que ela nos levar a pensar, refletir e problematizar assuntos do nosso cotidiano, as inquietações que os seres humanos têm de compreender o significado do mundo e de si mesmos, e que continuamente buscam diferentes respostas para os seus questionamentos. A filosofia vai se compor pela experiência humana, possibilitando com a autonomia criar e recriar o mundo em que vivemos.

1.2 Conceito de Infância

Para o historiador Ariès (1979), o conceito de infância era entendido por um período da vida muito diferente da idade adulta e o sentimento da infância começou a surgir no começo do século XII, quando as crianças ainda eram retratadas como “pequenos adultos”. Nesse período a criança era vista como diferente apenas no tamanho e na força. O termo infância vai sendo construída ao longo do tempo por uma invenção cultural moderna. Ainda com o posicionamento sobre o período da infância, Ariès (1986) diz:

De criancinha pequena, ela se transforma imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje (p. 10)

Manuel Jacinto Sarmiento (2002) defende em seus estudos que:

A idéia de infância é uma idéia moderna (...) remetidas para o limbo das existências meramente potenciais, durante grande parte da Idade Média, as crianças foram consideradas como meros seres biológicos, sem estatuto social nem autonomia existencial. (...) daí que, paradoxalmente, apesar de ter havido sempre crianças, seres biológicos de geração jovem, nem sempre houve infância (...)(p. 10 e 11).

No período da Idade Média, a criança era um ser anônimo, onde também eram consideradas um ser “insignificante” por não participar dos trabalhos da vida

adulta, e quando ganhavam alguma maturidade física, já se misturavam com os adultos para terem algum valor. Esse sentimento de insignificância estava ligado à morte precoce que era muito comum naquela época, segundo Ariès (1979). Os primeiros sentimentos de infância ocorreram por volta dos séculos XV e XVI, quando os adultos começam a olhá-las de forma diferente, ocorrendo uma “papaização”, fortalecendo assim os vínculos da família.

A consciência social da existência da infância foi o que formou a historiografia, onde a construção da história foi o resultado de um processo complexo de produção de representações sobre crianças. Ariès foi um dos precursores com seus estudos realizados por variadas fontes, como iconografias religiosas, diários de famílias, dossiês, cartas e registros em geral.

Hoje em dia a infância se concretiza por viverem em um período diferenciado dos demais, onde a família vai fortalecer os primeiros laços e posteriormente os laços serão fortalecidos pelos meios sociais. A criança é vista como inocente, onde há uma necessidade de protegê-las e preservá-las, diferente da Idade Média, que segundo Ariès o “sentimento” de infância não existia, sendo as crianças um elemento neutro, anônimo, ou seja, um adulto em miniatura. Com isso podemos dizer que o termo infância é uma idéia moderna.

O termo infância está ligado ao período de vida de uma pessoa, onde a definição da palavra infância tem origem do latim, *infantia*, que significa “incapacidade de falar”. O período que engloba a criança vai desde o seu nascimento até por volta dos 12 anos de idade, onde nesse tempo a grandes transformações físicas e mentais. A criança é um período onde ocorre um grande desenvolvimento da criança, onde elas passam por diversos estágios até ganhar maturidade. Para Piaget existem quatro estágios evolutivos do desenvolvimento motor, verbal e mental dos seres humanos. Entre eles estão o período sensório-motor, que engloba de 0 a 2 anos, o período pré-operacional, que ocorre dos 2 aos 7 anos, o período operatório concreto, de 7 aos 11 anos e o período das operações formais, que ocorre dos 12 anos em diante

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, Art. 2º: “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.”

O desenvolvimento das crianças está constantemente ligado ao processo de interações com outras crianças e adultos, e também com as interações com o meio em que vive, onde os fatores sociais serão essenciais para que o processo de desenvolvimento que se tornem cada vez mais complexos. Essas interações serão chamadas de culturas da infância. As culturas da infância são uma prática onde as relações com as famílias, escolas, as relações comunitárias em geral, mudam a realidade das crianças, deixando de ser heterogêneo, onde vão aprendendo valores e estratégias, passando a ser homogêneo, o que contribuirá para a formação da identidade pessoal e social conforme o seu próprio tempo. Bernardina diz que a infância tem um caráter progressivo, onde se passa por ritos de passagens, tanto na inserção social de papéis desempenhados, na incorporação de gestos, atitudes e comportamentos, ou mesmo no desenvolvimento das habilidades cognitivas, ou seja, a infância é constituída de um todo.

Segundo Bernardina (2011), o crescimento biológico das crianças é adquirido a partir de descobertas, aprendizados, comportamentos e desenvolvimento biofísicos, afetivos, cognitivos, psíquico e social.

Aos poucos os conceitos de infância foram se fortalecendo e foram surgindo outros conceitos. Dentre alguns conceitos modernos, podemos citar o que Agamben diz que a infância é tanto a ausência como a busca de linguagem, onde o ser humano é o único animal que aprende a falar, e não poderia fazê-lo sem a infância. Assim como diz Agamben:

Por isso, um adulto não pode aprender a falar; foram crianças e não adultos os que acessaram pela primeira vez a linguagem e, apesar dos quarenta milênios da espécie homo sapiens, a mais humana de suas características, precisamente - a aprendizagem da linguagem - permaneceu tenazmente ligada a uma condição infantil e a uma

exterioridade: quem acredita num destino específico não pode verdadeiramente falar.(2001)

Com isso Kohan (2003) diz que a infância não é apenas uma questão cronológica, mas também uma questão de experiência. É uma etapa onde pensamos sobre a criança como um ser em desenvolvimento, numa relação contínua de desenvolver as suas potencialidades, uma etapa da vida onde o tempo não é apenas questão numerada, sendo essa concepção a soma do passado, presente e o futuro. Como diz Bernardina (1999), aprender com a infância, o que ela tem a nos ensinar, tornar parte do aprendizado adulto a experiência da infância, isto nos leva a um esforço da busca de sentidos, o despreendimento das concepções arraigadas, determinante e cronológica do tempo, relacionando a algo conquistado anteriormente.

1.3 Conceito de Experiência

Larrosa (2001) diz que a experiência é o que nos acontece. A experiência pode ser o conhecimento adquirido pela prática da observação ou exercício. Ela vai depender de cada sujeito que a vivência, referindo-se a acontecimentos únicos, imprevisível, individual e intransferível, que não pode ser reproduzido.

A importância da experiência se envolve as diversas formas de relacioná-las com o mundo e com o outro. Não há métodos que garantam a experiência do pensamento, da mesma forma que nenhuma pessoa pode viver a experiência do outro, ou pensar pelo outro.

Larrosa (2001) cita um trecho sobre uma definição de experiência de Heidegger (1987), e que cabe destacar:

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em "fazer" uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, "fazer" significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos

ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (p. 143)

Somente o sujeito tem a capacidade de formação e/ou de transformação, e o saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana.

1.4 Conceito de Diálogo

Propor uma atividade de filosofar com as crianças vai ser um exercício que se baseia no diálogo. O diálogo é a expressão das relações entre os seres humanos e ocorre, principalmente por meio da linguagem oral, ou seja, o diálogo é uma conversação estabelecida entre duas ou mais pessoas.

A conversação, que se forma a partir do diálogo, é o instrumento dos seres humanos que possibilita que as pessoas se organizem diante diferentes situações, organizem seus pensamentos e que proporciona o conhecimento do seu pensamento e do posicionamento dos outros.

Segundo Kohan (1999) diz que o diálogo pode aprofundar a vivência, que por meio do diálogo acontece um processo reflexivo. Junto à criança, o diálogo presente no exercício filosófico visa auxiliar na elaboração do pensamento, tanto oral quanto na escrita e também na sua visão do mundo. O diálogo pode ampliar os horizontes dos problemas filosóficos que permeiam a nossa história.

Assim, o diálogo acontece pelo processo de interação entre as pessoas, onde as perguntas e respostas vão caracterizar um diálogo. Freire (2002) diz que a ação de dialogar deve ser “aberta, curiosa, indagadora e não apassivadora.”.

Poucos espaços são tão adequados para o diálogo quanto à sala de aula. O espaço escolar pode ser aproveitado para promover a aproximação, a conversa, tornando o processo de ensinar e aprender mais qualificado para os alunos e professores. Estabelecer o diálogo nesse ambiente é um desafio, porém todos os profissionais deveriam se apropriar dele. Esses momentos favorecem a experiência, o aprofundamento das discussões, o compartilhamento de idéias e a resolução de problemas.

1.5 Conceito de Autonomia

No contexto da filosofia a autonomia das crianças pode ser entendida como uma capacidade que as permitem de cuidar de si mesmas, sabendo posicionar-se, onde a autonomia vai implicar na construção do conhecimento, de forma emancipada, formando a postura crítica de cada uma.

No contexto da educação, o termo autonomia está ligado à condição do aprendente de organizar seus próprios estudos, buscando fontes de informação e conhecimento, e construindo um saber ligado aos seus próprios objetivos. Há uma liberdade na escolha dos caminhos e alvos da educação, o que significa também uma responsabilidade maior por parte do aprendiz. O desenvolvimento da autonomia deve considerar, entre outras coisas, a atuação do aluno, valorizar seus conhecimentos prévios, integrando as diferentes dimensões da vida, criando situações de cooperação, interação e de comunicação.

A autonomia deve levar os indivíduos a conhecerem a si mesmos, propiciando não só um conhecimento mais amplo da natureza humana, mas também de suas possibilidades enquanto seres sociais.

Com isso a prática pedagógica deve priorizar a construção de um conhecimento, onde a autonomia dentro do Projeto Filosofia na Escola é compreendida como um exercício coletivo, que se estabelece nas relações cotidianas evidenciadas por um respeito mútuo às diversas formas de pensar, agir e expressar-se.

1.6 Oficina

As oficinas normalmente têm um caráter menos formal, onde podem ser trabalhados diversos aspectos que ativam e provocam mais aqueles que participam desse tipo de atividade, além de serem atividades muito convidativas e instigantes, segundo Bernadina (2006). Elas também implicam um envolvimento que revela o que cada um traz em si, o que nos é importante.

Segundo Bernadina (2006), pelo fato de as oficinas terem um caráter vivencial, pelo contato entre as pessoas, observamos que esses tipos de atividades quase sempre alcançam um status social e reconhecimentos merecidos, por não acontecerem apenas entre pares, grupos de amigos, ocorrendo muitas vezes com “estranhos”, podendo muitas vezes ocupar lugares públicos onde todos tem acesso a eles, sendo convidativa a aqueles que desejam participar. As oficinas vão se constituir de palavras, idéias, emoções e sentimentos, tendo aspecto de simplicidade.

Podemos dizer que as oficinas vão ser roteiros de estudos e reflexão a serem realizados com grupo de pessoas a serem realizados presencialmente, tendo o objetivo de incentivar a produção, reaproximar experiências e pensamentos, valorizando os saberes que cada participante.

CAPÍTULO 2 – SOBRE A EXPERIÊNCIA

2.1 O Projeto Filosofia na Escola

Em 1997, os professores Walter Kohan e Ana Miriam do Departamento de Filosofia realizaram uma série de atividades, como palestras e oficinas sobre o filosofar, com o principal objetivo de proporcionar condições que favorecessem a implementação da Filosofia para Crianças nas Escolas. Essas oficinas e palestras contaram com a participação de mais de 200 pessoas. O interesse mostrado por essas pessoas levou os Departamentos de Filosofia e de Teoria e Fundamentos da UnB a tornar o Projeto Filosofia na Escola ser implementado como um projeto de extensão.

Inicialmente foi criado um curso de formação, onde mais de 30 escolas e 140 professores se candidataram para participar. Apenas 4 escolas foram selecionadas em função do número de interessados, em regiões bem distintas. O curso aconteceu durante todo o ano de 1998. Posteriormente ao curso de formação foram formadas equipes que trabalhariam junto às escolas. Essas equipes eram formadas por coordenadores (professores da UnB), por mediadores (estudantes de Pedagogia, Filosofia e Psicologia) e pelos professores das escolas.

O primeiro Curso de Especialização sobre o Ensino de Filosofia nos níveis Fundamentais e Médios aconteceu em 2001, onde foi oferecido 50 vagas para serem preenchidas, aonde alguns dos participantes conduziram diferentes módulos e orientação de trabalhos dos alunos.

O Departamento de Teoria e Fundamentos da área Filosofia na Escola, passou a oferta duas disciplinas: Filosofia com Crianças e Investigação Filosófica na Educação e os Projetos 3 – fase I, II e III; Projeto 4 – fase I e II e o Projeto 5 – Projeto final de curso.

Atualmente o projeto oferece o curso de formação que ocorre ao longo de cada ano, e estão abertos a todos os alunos universitários, professores e membros da comunidade interessados. O curso é ministrado e organizado por professores da

Área de Filosofia da Faculdade de Educação da UnB e tem uma carga horária de 180 horas, distribuídas entre várias atividades. A carga horária é dividida em 18 horas o curso de formação, 2 horas semanais de planejamento e avaliação, 2 horas semanais para as atividade práticas e 3 horas mensais de reuniões em geral, além do tempo para a elaboração dos relatórios e trabalhos finais.

Apesar de o Projeto ter enfrentado diversos obstáculos, sofrido alterações ao longo do tempo, ele conseguiu se consolidar e está presente até os dias de hoje, apoiando a todos que tem interesse nessa área.

2.2 Oficinas de filosofia

As oficinas de filosofia vão se constituir por esses encontros, onde crianças, jovens, professores e pais vão exercitar o pensar coletivo e investigador, partilhando esses encontros, de forma a se tornarem “filosofeiros” que vão colocar em questão a obviedade das coisas, compartilhar inquietações e problematizar os contextos que estão inseridos, como nas escolas, trabalhos, ambientes familiares etc. Segundo Bernardina (2006) os “filosofeiros” vão estar sempre a busca de mais perguntas e respostas, sempre surgindo novas inquietações.

Muitas vezes as oficinas de filosofia não vão ajudar a esclarecer, e sim gerar mais dúvida. Porém, antes de ocorrerem as oficinas, na sua organização, seleção de textos, as possibilidades de procedimentos, ocorre uma pré-ocupação dos temas, onde as oficinas acabam se antecipando pelos questionamentos gerados nesses momentos de organização.

Pelo fato das oficinas terem um caráter dinâmico, mesmo quando vamos refazê-las, elas raramente vão continuar sendo a mesma, podendo tomar caminhos muito diferentes que antes devido às pessoas que irão participar, novos questionamentos que podem ser gerados no seu decorrer, quebrando aquilo que era previsto. Podemos dizer, assim como Bernardina disse, que as oficinas filosóficas coletivas vão atrair, surpreender, pode não agradar, incomoda e exigem muita disposição para se fazê-las.

Bernardina (2006) diz que as oficinas de filosofia, embora sejam prazerosas, elas exigem de dispor-se ao outro, de relacionar e articular pensamentos, idéias e palavras, de se expor a enfrentar críticas, gerando agonia e certo desconforto. Mas se procuramos entender tornamo-nos correspondentes, constituindo-se dela.

2.3 Início da prática pedagógica/filosófica

Antes de iniciar minha prática, tive a oportunidade de fazer a matéria Filosofia com Crianças. Nessa disciplina tive acesso a muitos textos interessantes, a fala do professor Tadeu e Álvaro, que me guiaram a fazer o Projeto 4 nesta mesma área. O apoio teórico foi de extrema importância para os planejamentos das atividades. Quando descobri a importância de filosofar com as crianças que eu tive a maior certeza da escolha do projeto. Na minha vida escolar não tive muitas oportunidades de filosofar, então decidi aprender a filosofar com as crianças, e com a prática aprender a ter atitudes favoráveis ao desenvolvimento das crianças nos trabalhos que farei.

Realizei o meu projeto na Escola Classe da 304 norte. Pude contar com o apoio de uma colega, a Priscilla Amorim, para realizar as práticas. Toda semana íamos até a escola duas vezes, uma para mostrar as nossas idéias e fazer o planejamento com o auxílio da professora e a outra vez para colocarmos em prática com as crianças os planejamentos. Trabalhamos com crianças do terceiro ano do ensino fundamental e com elas pude aprender muitas coisas que antes não tinha visto na prática.

No contato com as crianças fui percebendo que nessa fase, elas são ricas em questionamentos, e fazem muitas perguntas com o intuito de entenderem sobre tudo que estão em sua volta, grandes interesses em expor seus conhecimentos, atitudes que são muito válidas para o desenvolvimento. Com a filosofia, essas atitudes são valorizadas pela espontaneidade que as crianças possuem, facilitando para que entendam os porquês que as deixam inquietas.

Aos poucos aprendi a trabalhar a filosofia de forma espontânea, me abrindo a novas experiências e dando mais espaço para que as crianças falassem e

filosofassem, deixando-as agirem de forma mais autônoma e não de forma controladora que normalmente ocorre.

2.4 As práticas em si

2.4.1 PRIMEIRA AULA

Tema: A ESCOLA

Nesta primeira aula o objetivo era fazer com que os alunos reflitam sobre o significado da escola e seus colaboradores e com a atividade identificar qual é a percepção que os alunos têm da escola e do que a envolve.

Estratégias:

Eu e a Priscilla entregamos figuras para os alunos, de forma que cada um recebesse uma. Era um total de 6 imagens que representam: a escola, livro ou caderno, o/a professor/a, os amigos, o material escolar e os pais.

Durante a atividade perguntamos aos alunos quem havia recebido a imagem do livro e o que essa imagem representa para esses alunos, logo depois abrir a discussão para a toda a turma dizer o que aquela imagem representa para eles. E assim sucessivamente. Buscar com os alunos novas idéias sobre qual o significado de cada uma dessas coisas na escola. Deixar que os alunos expusessem suas opiniões de forma livre.

Para finalizar esta atividade pedimos a eles que escrevessem uma frase dizendo o que eles mais gostam na escola, deixar um tempo para eles pintarem as imagens e escreverem a frase.

As imagens:

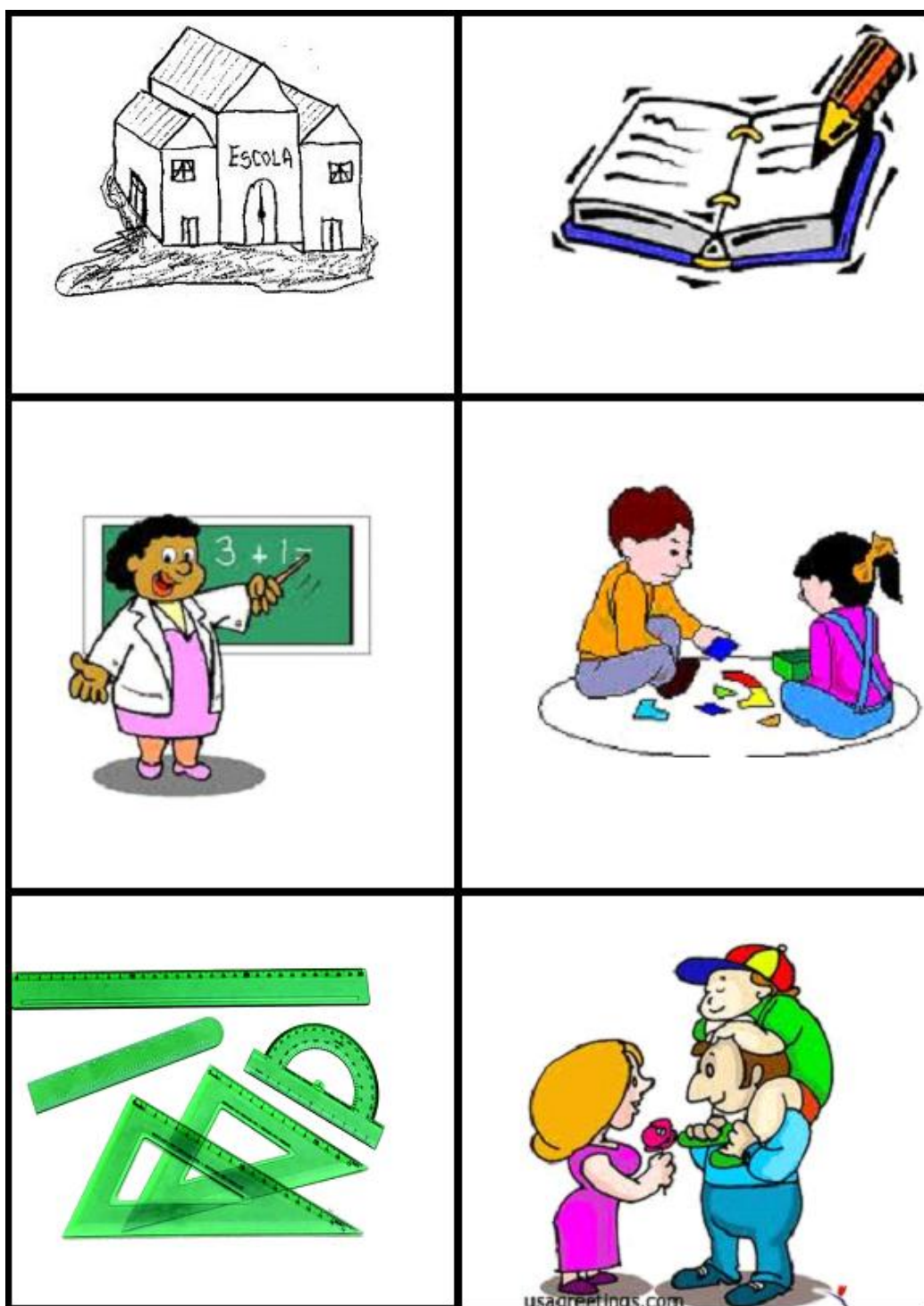


Figura 1 - Colaboradores da Escola

Desenvolvimento da aula

Os alunos foram bem receptivos a minha chegada e da Priscilla à sala. E depois de nos apresentarmos e conhecer a turma, começamos nossas oficinas.

Quando as imagens foram entregues a primeira pergunta feita pelos alunos foi: “Tia pode pintar?”. Eu respondi que não naquele momento e nós combinamos que depois da atividade eles teriam tempo para pintar a figura.

A sala fica organizada em grupos, e como os alunos ficam juntos uns dos outros na hora que receberam a figura todos queriam conferir qual era a do outro colega.

Durante a execução da atividade os estiveram bastante participativos, quando perguntado quem queria dizer qual significado aquela imagem tinha para si, vários alunos levantaram a mão pedindo para falar.

A turma concordou que a escola é um lugar que se vai para aprender coisas novas e fazer amigos. A grande maioria deles disse que na escola o que eles mais gostam são os amigos e a hora do recreio. Na atividade de escrever a frase também apareceu bastante que eles gostam muito da professora.

Houve alguns momentos de dispersão da turma com várias conversas paralelas e a professora Valéria disse que um dos motivos de isso ter acontecido poderia ser que estavam animados com a nova atividade que estavam fazendo.

2.4.2 SEGUNDA AULA

Tema: CONCEITOS

Fazer com que os alunos refletissem sobre a “verdade” instituída pela sociedade em alguns conceitos, como o de beleza, por exemplo.

Estratégias:

Para iniciar a aula, lemos aos alunos a fábula “O Alce e os Lobos”. Depois da leitura fizemos uma problematização sobre a questão do conceito de beleza que a fábula trazia. Para dar continuidade a discussão, utilizamos algumas questões para nos direcionar:

O que aconteceu na história?

O que vocês acharam?

Como poderia ser se o alce não tivesse os chifres?

E se o alce tivesse pernas bonitas o que poderia acontecer?

O que é bonito para um será sempre bonito para outro?

Qual a importância que damos a beleza?

Afinal de contas, o que é beleza?

Com essas questões conseguimos discutir a respeito da relatividade que o conceito de beleza pode ter.

A fábula:**O Alce e os Lobos**

A água do lago estava tão limpa que parecia um espelho. Todos os animais que foram beber água viram suas imagens refletidas no lago. O urso e seu filhote pararam admirados e foram embora.

O alce continuou admirando a sua imagem:

- Mas que bela cabeça eu tenho.

De repente, observando as próprias pernas, ficou desapontado e disse:

- Nunca tinha reparado, nas minhas pernas. Como são feias! Elas estragam toda a minha beleza!

Enquanto examinava sua imagem refletida no lago, o alce não percebera a aproximação de um bando de lobos que afugentara todos os seus companheiros.

Quando finalmente se deu conta do perigo, o alce correu assustado para o mato. Mas, enquanto corria, seus chifres se embaraçavam nos galhos, deixando-o quase ao alcance dos lobos. Por fim o alce conseguiu escapar dos perseguidores, graças às suas pernas, finas e ligeiras.

Ao perceber que já estava a salvo, o alce exclamou aliviado:

- Que susto! Os meus chifres são lindos, mas quase me fizeram morrer! Ah, se não fossem as minhas pernas!

Moral da história: Não devemos valorizar só o que é bonito, temos que valorizar o que é útil também.

Autoria desconhecida

(Fábula retirada de: <http://belverede.blogspot.com/2009/02/fabula-do-alce-e-os-lobos.html>)

Desenvolvimento da aula

Após chegar a sala e cumprimentar os alunos, eles receberam a explicação do que faríamos naquele dia.

Cada um recebeu uma folha com a fábula que trabalharíamos naquele dia. Perguntei se alguém queria ler a história para a turma e praticamente todos levantaram a mão, nesse momento a professora Valéria deu uma risadinha e mostrou uma latinha que continha o nome de todos os alunos da turma, ela propôs, então, que escolhêssemos os alunos que leriam por meio de sorteio. Após o sorteio

3 alunos foram selecionados, nós dividimos o que cada um lia e eles quiseram ir à frente da turma para ler, apesar de termos dito que poderiam permanecer sentados.

Após a leitura da fábula perguntamos se alguém já conhecia a história e algo em torno de 7 alunos levantou a mão.

Começamos, então, a discutir sobre o que tratava a história. Quando questionados sobre as possibilidades do que poderia acontecer na história caso o alce tivesse pernas bonitas e/ou não tivesse chifres os alunos levantaram várias hipóteses diferentes. Discutimos bastante a respeito do quanto damos valor ao que é bonito e não nos importamos com o valor real das coisas.

No momento que começamos a falar sobre o conceito de beleza, eles começaram a notar que nem todo mundo acha a mesma coisa bonita ou feia e que existem opiniões diferentes sobre isso. No fim eles chegaram à conclusão de que o conceito de beleza pode ser relativo.

Nessa aula também houve alguns momentos de dispersão e alguns alunos que insistiam em conversar, como ocorre naturalmente na escola.

Ao final dessa aula foi pedido que os alunos pesquisassem o que é filosofia e trouxessem para a próxima aula, assim eles poderiam entender um pouco mais do que os alunos da UnB que trabalham na área de filosofia estão fazendo na escola deles.

2.4.3 TERCEIRA AULA

Tema: O QUE É TER IDEIAS PRÓPRIAS?

Nesta aula os objetivos que traçamos era refletir com os alunos sobre o que é pensar por si mesmo e também trabalhar sobre o que é filosofia.

Estratégias:

Iniciamos a aula perguntando para os alunos o que eles encontraram a respeito do conceito de filosofia, que havíamos pedido para eles pesquisarem na aula anterior. Logo depois dessa discussão sobre o que é filosofia lemos junto com os alunos a fábula “A Zeropéia” de Herbert de Souza.

Depois da leitura problematizamos a questão trazida na fábula a respeito do que é ter idéias próprias. Nesta aula também utilizamos como base algumas perguntas que nos ajudaram a direcionar a discussão e a partir deles surgiram novos questionamentos trazidos pelos alunos. As perguntas são:

Sobre o que fala a história?

O que aconteceu com a centopéia? Por quê?

O que é ter idéias?

O que são idéias próprias?

Todo mundo pensa igual?

O que aconteceria se todos pensassem da mesma forma?

Por que é importante pensarmos por nós mesmos?

Concluimos a discussão voltando à questão “o que é filosofia” e relacionar o conceito de filosofia às questões “o que é ter idéias?” e “o que é ter idéias próprias?”.

A fábula:

A Zeropéia

la uma centopéia com suas cem patinhas pelo caminho quando topou com uma barata. Vendo tantas patinhas num bicho só, a barata ficou boquiaberta:

-Mas Dona Centopéia pra que tantas patinhas? A senhora precisa mesmo delas? Olha, eu tenho só seis e são mais do que suficientes! Posso fazer tudo, correr,

trepar nas paredes, me esconder nos buracos. Ninguém consegue me acertar na primeira, nem na segunda chinelada!- É – respondeu a centopéia -, eu não havia pensado nisso! E olha que tenho essas cem patinhas desde que nasci cinquenta de um lado e cinquenta do outro...

- Como à senhora faz quando tem uma coceira? – perguntou a barata - Já imaginou o trabalhão, coçando daqui e dali sem parar? Deve ser um inferno ter tantas patinhas! Por que a senhora não amarra noventa e quatro e fica com seis como eu? Vai ficar muito mais fácil e a senhora vai poder inclusive correr muito mais, como eu.

A centopéia nem pensou e amarró as noventa e quatro patinhas. Doeu um pouco com todos aqueles nós, mas era necessário, e continuou a andar.

Lá na frente se encontrou com um boi.

Quando o boi viu a centopéia andando com seis patas ficou intrigado:

- Dona centopéia por que seis patas? Para que tantas? Olhe, eu só tenho quatro e faço o que quero! Corro, participo de touradas, pulo cerca quando quero, sou forte e todo mundo me admira! Por que a senhora não amarra mais duas patinhas e fica com quatro? Vai ficar mais ágil e vai correr tanto quanto eu...

A centopéia amarró mais duas patinhas. Doeu um pouco, já estava quase dando câibra, mas era necessário, e continuou a andar.

Lá mais na frente, já andando com certa dificuldade, a centopéia se encontrou com o macaco.

Quando o macaco viu a centopéia andando com quatro patas, ficou curioso.

Olhou bem, contou e recontou, e não se conteve:

- Mas... Dona centopéia, por que tanta pata se a senhora pode andar com apenas duas, como eu? Veja como eu faço: pulo de galho em galho, corro, ninguém me pega nesta floresta. Por que a senhora não amarra mais duas patinhas e fica assim, como eu?

A centopéia nem pensou e amarrou mais duas patinhas. Agora só tinha duas patinhas livres, poderia viver em paz, como a maioria dos bichos da floresta, e se parecia até com as pessoas, podia até pensar em ter nome de gente, como Maria ou Florinda. E continuou a andar, com muita dificuldade, mas tranqüila. Havia seguido todos os conselhos que recebera pelo caminho. Velhos tempos aqueles em que tinha cem patinhas livres! Quanto trabalho à toa! E continuou a andar. Mas lá na volta do caminho, de repente, viu a dona cobra!

A centopéia sentiu um friozinho na barriga.

- !! – pensou ela – a dona cobra nem patas têm!

Não deu outra. Quando a cobra viu a centopéia com suas duas patinhas, foi logo parando e dizendo:- Por que andar com essas duas patas num corpo tão comprido e desajeitado? Será que você não sente que está sendo ridícula andando só com duas patas? E, afinal de contas, pra que patas pra andar? Não vê como eu corro, escapo, ataco, meto medo, serpenteio, subo em árvores e até nado sem patas? Por que não completa a obra e amarra tudo de uma vez?

A centopéia, então, amarrou as suas últimas patinhas, pensando que podia ser que nem a cobra. E não podia. Ali mesmo ficou pedindo socorro e gritando por todos os bichos da floresta:- Ei, dona barata, seu boi, seu macaco, dona cobra! Venham me ajudar! Não consigo mais andar! Eu, que tinha cem patinhas, deixei de ser uma centopéia e acabei virando uma Zeropéia!A turma da floresta, pra concertar a situação, teve então uma idéia, a de fazer um carrinho bem comprido para a centopéia poder se locomover. A centopéia ia virar a primeira Zeropéia motorizada da floresta!- Mas como é que eu vou dirigir esse carro se não tenho mais patinhas?

Foi um drama! Os bichos foram logo discutindo:

- A barata dirige, pois foi ela quem mandou amarrar noventa e quatro patinhas de uma só vez!

- Não, não, não! Dirige o boi, que mandou amarrar mais duas patas!

- Melhor o macaco, que mandou amarrar mais duas.

- Negativo! Dirige a cobra, que mandou amarrar tudo. Até que a centopéia se deu conta, pensou bem pensado e disse para todo mundo:

- É, gente, a culpa é minha! Eu não devia ter escutado essa conversa fiada de amarrar patinhas! Eu não sou barata, não sou boi, não sou macaco e nem cobra; eu sou eu mesma, uma centopéia que quase virou uma Zeropéia. A centopéia agradeceu o carrinho, mas, mandou a bicharada desamarrar todas as suas patinhas. E decidi que o mais importante era ser ela mesma e ter as suas próprias idéias na cabeça...

Herbert de Souza

(Fábula retirada de: <http://www.nuep.org.br/jor001.php?jor=157>)

Desenvolvimento da aula

Na chegada à sala os alunos já foram diretamente pegando o dicionário e dizendo que haviam pesquisado o que é filosofia, um aluno chegou até a me entregar uma folha com a definição escrita.

Inicialmente eles leram a definição que o dicionário trazia e caso alguém estivesse com uma definição diferente também lia para o resto da turma. Muitos alunos não entenderam a definição trazida pelo dicionário que dizia que filosofia é o “amor pelo saber, e, particularmente, pela investigação das causas e dos efeitos”.

No dia dessa aula ficou decidido que a fábula seria lida por mim, pois era uma história maior e não havia cópias o suficiente para todos os alunos acompanharem devido a um problema que ocorreu no momento da impressão da história.

A turma permaneceu em silêncio para a leitura da fábula e todos prestaram bastante atenção. No momento da discussão da história muitos alunos começaram a falar um por cima do outro e pouco se entendia quem estava falando. Pedimos que quando alguém estivesse falando o outro ouvisse e caso alguém quisesse dar a sua opinião era só levantar a mão que essa pessoa teria o direito de falar.

Discutimos sobre o que é ter idéias próprias e qual a importância disso, muitos na hora de discutirem isso voltaram a história, citando como exemplo o fato de que por não ter pensado por ela mesma, ela acabou perdendo a capacidade de andar. Chegamos a falar de como seria o mundo caso todos pensassem da mesma forma e os alunos chegaram à conclusão de que tudo seria igual no mundo, as pessoas usariam as mesmas roupas, e fariam sempre as mesmas coisas, nada teria graça.

Voltamos, então, ao que é filosofia. O que é esse amor pelo saber e pela investigação que traz o dicionário? No que a história que nos lemos poderia ajudar a entender esse conceito? Trabalhamos então que filosofar é refletir, é o ato de pensar de não se contentar com o pouco ou só com as respostas que já temos prontas, mas buscar sempre mais, querer saber mais, é refletir sobre o mundo e as coisas que o rodeiam, é pensar por conta própria.

2.4.4 QUARTA AULA

Tema: PENSANDO FILOSOFIA.

O objetivo desta aula era desenvolver uma atividade onde os alunos possam expor o entendimento que tiveram a respeito do que foi trabalhado na aula anterior “o que é ter ideias próprias?”.

Estratégias:

Essa atividade foi um pouco mais longa, então resolvemos dividi-la em duas aulas para não ficar cansativo para as crianças.

1ª parte

Dividimos os alunos em grupos e entregamos uma cartolina, revistas, tesouras e cola para cada grupo.

Solicitamos aos alunos construíssem um cartaz a respeito do que foi trabalhado na aula anterior. Deixamos claro que a construção do cartaz é uma atividade livre, que eles podiam desenhar, colar palavras e/ou figuras, escrever, escrever uma história, fazer o que desejarem. E informamos ao final da atividade que na aula seguinte eles apresentariam para a turma o que eles tinham feito nos cartazes.

2ª parte

Nessa aula pedimos que se dividissem nos grupos que fizeram os cartazes para poderem apresentar aos colegas o que eles tinham pensado e o significado do que fizeram.

Desenvolvimento da aula (1ª parte)

No dia da realização dessa atividade a professora da turma não estava presente, a turma estava sendo acompanhada por outra professora, nós explicamos o que fazíamos ali e que era um trabalho contínuo com a turma.

A professora permitiu que nos entrássemos na sala e disse que até achava bom, pois ela não havia preparado o que faria com a turma, ela perguntou se a presença dela era necessária e eu disse que era bom que nós tivéssemos uma supervisão.

As cartolinas e as colas foram fornecidas pela escola como havíamos combinado no dia do planejamento com a professora Valéria, nós levamos tesouras extras para os alunos e as revistas para recorte.

Como a turma estava com outra professora nesse dia, as carteiras estavam enfileiradas e não separadas por grupo como normalmente, assim, organizamos as carteiras em grupos e deixamos livres as formações dos mesmos pelos alunos.

Entregamos uma cartolina, cola e 3 revistas para cada grupo e deixamos bem claro que a montagem do cartaz era livre, podia ter desenho, palavras, imagens, história o que eles quisessem, mas que fosse algo relacionado à aula da semana anterior.

Os alunos ficaram até a hora do recreio montando os cartazes. Durante a montagem dos cartazes a turma estava conversando muito e a professora que estava na sala chegou até mesmo a chamar a atenção da turma, então, falamos que eles podiam conversar, contanto que não atrapalhassem as outras turmas.

Ao termino da atividade avisamos que na semana seguinte levaria os cartazes para a escola e eles apresentariam para a turma.

2.4.5 QUINTA AULA

Desenvolvimento da aula (2ª parte)

No dia em que essa aula foi realizada, era o último dia de aula dos alunos na escola, por esse motivo haviam apenas 9 alunos presentes na sala. Tivemos pelo menos a presença de uma pessoa de cada grupo, então eu pedi que eles apresentassem mesmo assim, que eles dissessem o que seu grupo tinha feito.

Nas apresentações boa parte dos grupos haviam relacionado as imagens ao ato de pensar e a figuras que para eles tinham a ver com filosofia. Um dos grupos montou uma história (foi a ideia própria deles) e um grupo disse que não pensou em

nada só foi colando as imagens, assim, nós abrimos para discussão com a turma o que poderia significar aquele cartaz.

Por ter poucos alunos nesse dia essa foi uma aula que se realizou rapidamente e nos despedimos dos alunos e da professora.

2.5 Relato da experiência

Ao reler os relatos das oficinas, parece que tudo isso que vivi, foi simples de realizá-las, mas como dizem, nem tudo é o que parece ser. Durante o processo de preparação das atividades, sempre encontrava alguma dificuldade, seja pelo tema que íamos trabalhar, como também como íamos trabalhá-las com a turma. Ao pensar sobre quais atividades poderiam ser feitas, me preocupava em procurar algo que fosse rico e que pudesse explorar bastante o pensamento das crianças. Além disso, procurava algo que fosse de interesse da turma e abordá-los de forma atrativa para que eles pudessem possibilitar um bom diálogo e fosse uma experiência verdadeiramente significativa para as crianças.

No começo das atividades nos apresentamos de maneira informal para as crianças e também o projeto, para verificar primeiramente se a proposta era aceita por eles, pois não basta que a proposta fosse aceita pela instituição, mas pelo grupo também, se não os trabalhos não seriam produtivos para eles e para nós que ministrávamos o projeto.

Com a primeira aproximação vi a importância da realização deste trabalho que decorre com as possibilidades de aproximar a realidade de cada indivíduo com o ensino, a partir da inclusão de determinados temas. Alguns estudiosos que praticam a filosofia com crianças relatam em suas experiências e alguns defendem que deve seguir um método, outros dizem que é uma experiência única, logo não podemos determinar qual é o certo e qual maneira é a melhor. Na prática percebi que o projeto deve ser realizado conforme a necessidade de cada grupo, onde cada um tem sua maneira de pensar, portanto ter um objetivo pré-determinado nem sempre pode favorecer para se tornar um ambiente livre para que possam expor suas manifestações, mas às vezes é necessário. Algumas crianças se expressam de

forma mais espontâneas que as outras, umas podem ser tímidas, onde vejo a necessidade de uma possível intervenção, para assim promover a participação de todos. Quem realiza o projeto deve estar sempre atento ao objetivo das atividades, onde muitas vezes devem ser mediadas para não perderem o foco e se tornarem apenas uma conversa sem a intenção de filosofar.

Neste sentido é indispensável que o projeto educativo tenha uma estratégia para garantir a conexão dos conteúdos em uma visão multidisciplinar e interdisciplinar, para que favoreçam a reflexão, a discussão e a elaboração contínua dos conhecimentos.

Conforme foram acontecendo as oficinas tive a oportunidade de perceber que as crianças vão aumentando sua capacidade argumentativa, valorizando sua percepção do coletivo e que também existem outras formas de pensar além da sua. Porém nem sempre as experiências trazem uma influência significativa se não for trabalhada constantemente, por isso penso que a experiência filosófica deve ter continuidade, para que tenham um bom aproveitamento e aprimorando o seu pensar.

CAPÍTULO 3 – SOBRE O QUE FICOU

A prática de filosofia com crianças possibilita que possam aprender a pensar por si mesmas. O Projeto Filosofia nas Escolas proporciona aos alunos momentos de reflexão, que por meio do diálogo favorecem ao desenvolvimento do pensamento crítico e criativo, transformando o espaço escolar.

Com isso podemos ver se formar a autonomia das crianças, que se estabelecem com as relações do cotidiano, propiciando a um conhecimento mais amplo das suas possibilidades. A importância do projeto também é atribuído a experiência, por ser um exercício que envolve as diversas formas de se relacionar com o mundo e com os outros, envolvendo sentimentos, onde ninguém pode vivenciar e pensar pelos outros.

Desse modo o Projeto de Filosofia não vai se tratar apenas de transmitir conceitos filosóficos, mas criar espaços que promovam experiências por meio dos diálogos e de se envolver problematizando as questões do dia a dia.

Trata-se desde cedo encorajar, de instigar a aptidão interrogativa e orientá-la para os problemas fundamentais de nossa própria condição e de nossa época. (MORIN, 2002; p. 22)

Durante o processo que desenvolvi no projeto Filosofia nas Escolas percebi com as oficinas a importância que atribuímos a este trabalho. Com o projeto percebemos a necessidade de estabelecer laços de amizade com as crianças, professores e funcionários do colégio, para assim construir uma confiança e estabelecer relações que contribuem para o desenvolvimento de todos.

Realizar filosofia com crianças não é tão simples quanto parece. As crianças são muito espontâneas e muitas vezes isso pode gerar imprevisto, que se não soubermos aproveitar desses imprevistos, a atividade pode ficar prejudicada. Para que não fique prejudicada devemos aprender com o tempo, por meio da escuta, da fala e do olhar, a interpretar as mensagens que nos são passadas, e devemos resignificá-las e construir caminhos para favorecer o confronto de ideias, promover o

debate, desenvolvendo um diálogo criterioso que resultem num conhecimento contextualizado e significativo.

Através do diálogo é possível construir novos saberes e valores sem deixarmos de lado as nossas convicções, e os diálogos vão favorecer transformações que os seres humanos têm de dar significação para os seus conhecimentos em torná-los o que está no imaginário para algo concreto, além de propiciar a socialização, a interação e a explicitação da dúvida e até mesmo o conhecimento.

O projeto filosofia com crianças valoriza a capacidade das crianças de conceituarem suas próprias experiências e se apropriarem dela para dividir suas ideias. É onde podemos dizer que a aprendizagem ocorre por meio do diálogo. Com a filosofia se torna possível adquirir significações que contribuem para o desenvolvimento do senso crítico, da habilidade de questionar, argumentar e produzir respostas.

Além de perceber a importância da filosofia para as crianças devemos também refletir sobre a importância da própria prática. Um dos focos do projeto de filosofia nas escolas é a preocupação com o papel do mediador ou do professor diante do grupo. A autoridade do professor é uma questão que está implícita, apesar disto o professor, sem reforçar a autoridade absoluta, deve desenvolver um trabalho filosófico sem reforçar conceitos e preconceitos que já existem na sociedade e aprofundar o distanciamento entre o educador e o educando. Portanto o educador deve estar consciente de que não é isento de cometer erros, pois suas ações são carregadas de saberes e crenças. As experiências do professor devem ser mediadas por reflexões profundas e pelo desejo de mudança nas relações que se estabelecem no ambiente escolar.

A escola faz parte da sociedade, sendo assim, não podemos desvincular elas da comunidade, como também não podemos limitar a transmitir saberes que não levam em consideração as vivências, a realidade etc. Portanto devemos transformar

o ambiente escolar num espaço que valorize a liberdade, a autonomia, a confiança e o respeito.

Pra mim, o papel do educador não pode se basear somente nos alunos, mas necessita, essencialmente, ver o ser humano e acreditar na capacidade dos indivíduos enquanto seres sociais, de inserirem-se no mundo e transformá-lo. O educador não deve ser apenas um transmissor de conhecimento, cabe ao professor provocar, alimentar e questionar os alunos.

Com a minha experiência posso dizer que o papel do professor no exercício filosófico é possibilitar mudanças, questionando a nossa postura profissional, nosso discurso, nossas ideologias. Contudo, o que considero mais importante é a capacidade que o exercício filosófico tem de transcender os muros e as grades das escolas, de forma que acorde nos indivíduos uma curiosidade, uma inquietação a busca de resposta. Isso vai gerar que os debates e discussões ultrapassem o ambiente escolar, levando-os para qualquer ambiente que possa estabelecer um diálogo.

PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

Ao concluir mais uma etapa na minha vida fico pensando em como será no futuro e se conseguirei conquistar e realizar tudo aquilo que sempre quis e planejei. Ao pensar sobre tudo que já passei, tenho convicção de que o destino é construído por cada um de nós. Os frutos que colhemos são resultado do que plantamos.

Com o Projeto de Filosofia na Escola, pretendo ainda fazer com que a reflexão, o diálogo e o embate de ideias sejam constantes em minha vida, pois com elas aprendi a perceber a necessidade de respeitar o posicionamento do outros e a partir desse pensamento, que diverge dos meus pensamentos, construir uma visão mais ampla do mundo e da realidade que me rodeia. Quero passar adiante o que aprendi tardiamente na UnB, que é pensar de forma independente, questionar, me posicionar e questionar sobre as coisas.

No início da graduação não imaginei como quatro anos passariam tão rápido. Hoje vejo que a minha dedicação nesse período me ajudou a perceber o quanto a área educacional influenciou na minha vida, sempre me abrindo portas para novas experiências. Quando entrei no curso de Pedagogia, estava convicta que após a graduação faria uma pós em Psicopedagogia, hoje ainda tenho vontade de fazer essa pós-graduação, mas também vejo outras possibilidades de no futuro fazer um mestrado na área da educação especial, que me conquistou com os conhecimentos e experiências conquistadas.

No momento quero seguir minha vida acadêmica fazendo minha pós-graduação em Psicopedagogia. Acredito que não vou deixar o ambiente escolar de lado nos meus planos, por gostar muito do ambiente escolar e de me relacionar com crianças, principalmente as que possuem necessidades educacionais especiais, que me dão a oportunidade de ajudá-las e aprender cada vez mais.

BIBLIOGRAFIA

ARIÈS, Phillippe. *A história social da Infância e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979

KOHAN, Walter Omar e LEAL, Bernardina. *Filosofia para Crianças Em Debate*. Petrópolis. Editora Vozes, 1999

KOHAN, Walter Omar e KENNEDY, David. *Filosofia e Infância – Possibilidades de um encontro*. Petrópolis. Editora Vozes, 2ª Edição, 2000.

KOHAN, Walter Omar e LEAL, Bernardina, RIBEIRO, Álvaro. *Filosofia na Escola Pública*. Petrópolis. Editora Vozes. Vol. V, 2000.

LARROSA, J. *O Enigma da Infância: ou o que vai do possível ao verdadeiro*. In: *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Porto Alegre/RS: Contrabando, 1998

SARMENTO, M.J. *Imaginário e Culturas da Infância*. Caderno de Educação. Pelotas, V 12, 2003.

GADOTTI, Moacir. *A filosofia para crianças e jovens e as perspectivas atuais da educação*.

LEAL, Bernardina Maria de Sousa. *Chegar à Infância*. Editora da UFF, Niterói 2011.

AGAMBEM, Giorgio. *INFÂNCIA E HISTÓRIA: Destruição da experiência e a origem da história*. Editora UFMG, nova edição aumentada, 1ª reimpressão, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

LARROSA, J. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em julho de 2001, por Leituras SME.

PIAGET, J. *A Construção do Real na Criança*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.